

“Eu os convoco para mudar o Brasil”

Venho somar minha esperança à esperança de todos neste dia de congratulação. Permitam que, antes do presidente, fale aqui o cidadão que fez da esperança uma obsessão, como tantos brasileiros.

Pertence a uma geração que cresceu embalada pelo sonho de um Brasil que fosse ao mesmo tempo democrático, desenvolvido, livre e justo. Vem de longe a chama deste sonho. Vem dos heróis da Independência. Vem dos abolicionistas. Vem dos tenentes revolucionários da Velha República.

Essa chama eu vi brilhar nos olhos de meu pai, Leônidas Cardoso, um dos generais da campanha do Petróleo é nosso, como já brilhava no fim do Império nos olhos de meu avô, abolicionista e republicano. Para os estudantes que jogavam, como eu, todo o seu entusiasmo nessas lutas, petróleo e industrialização eram o bilhete de passagem para o mundo moderno do pós-guerra.

Assegurava um lugar para o Brasil no carro do progresso tecnológico, que acelerava e ameaçava nos deixar na poeira.

“Chegou o tempo de crescer e florescer. Hoje sabemos o que é preciso fazer pela economia”

Por algum tempo, na Presidência de Juscelino Kubitschek, o futuro nos parecia estarerto. Havia desenvolvimento. O Brasil se industrializava rapidamente. Nossa democracia funcionava, apesar dos sobressaltos. E havia perspectivas de melhoria social.

Mas a história dá voltas que nos confundem. Os anos dourados de JK terminaram com inflação e tensões políticas em alta. Vieram então anos sombrios, que primeiro trouxeram de volta o crescimento, mas sacrificaram a liberdade. Trouxeram progresso, mas para poucos. E depois nem isso, mas somente o legado — este sim, para todos — de uma dívida externa que amarrava a economia e de uma inflação que agravava as mazelas sociais na década de 80.

Assim eu vi meus filhos crescerem, e vi nascer meus netos, sorrindo e lutando para divisar o dia em que desenvolvimento, liberdade e justiça — justiça, liberdade e desenvolvimento — andariam juntos nesta terra. Eu nunca duvidei que

esse dia chegaria. Mas nunca pensei que ele pudesse me encontrar, na posição que assumo hoje: escolhido pela maioria dos meus concidadãos para liderar a caminhada rumo ao Brasil dos nossos sonhos.

Sem arrogância, mas com absoluta convicção, eu digo: este país vai dar certo! Não por minha causa, mas por causa de todos nós.

Não só por causa dos nossos sonhos — pela nossa imensa vontade de ver o Brasil dar certo —, mas porque o momento amadureceu e o Brasil tem tudo para dar certo.

Recuperamos aquele que deve ser o bem mais precioso de um povo: a liberdade. Pacificamente, com tranquilidade, apesar das mágoas e cicatrizes que ficam como um símbolo para que novas situações de violência não se repitam, viramos a página do autoritarismo, que com nomes e formas diferentes desvirtuou nossa República desde a sua fundação.

Para os jovens de hoje, que pintaram a cara e ocuparam as ruas exigindo decência dos seus representantes, assim como para as pessoas da minha geração, que aprenderam o valor da liberdade ao perdi-la, a democracia é uma conquista definitiva. Nada nem ninguém nos fará abrir mão dela.

Recuperamos a confiança no desenvolvimento. Não é mais uma questão de esperança, apenas: Nem é euforia passageira pelos dois bons anos que acabamos de ter. Este ano será melhor. O ano que vem, melhor ainda.

Hoje não há especialista sério que preveja para o Brasil outra coisa que um longo período de crescimento. As condições internacionais são favoráveis. O peso da dívida externa já não nos sufoca. Aqui dentro, nossa economia é como uma planta sadia depois de longa estiagem.

Temos de volta a liberdade, portanto. E teremos desenvolvimento. Falta a justiça social. É este o grande desafio do Brasil neste final de século. Será este o objetivo número um do meu governo. Joaquim Nabuco, o grande propagandista do abolicionismo, pensava em si mesmo e em seus companheiros como titulares de um mandato da raça negra. Mandato que não era dado pelos escravos, pois eles não teriam meios de reclamar seus direitos. Mas que os abolicionistas assumiram mesmos assim, por sentir no coração o horror da escravidão e por entender que os grilhões dela

souberam enfrentar as aguas do arbítrio e da recessão e os desafios das novas tecnologias. Reorganizaram seus sindicatos para serem capazes, como hoje são, de reivindicar seus direitos e sua parte no bolo do crescimento econômico.

Também nós, horrorizados vendo compatriotas nossos — e ainda que não fossem brasileiros — vendendo seres humanos ao nosso lado, subjugados pela fome, pela doença, pela ignorância, pela violência. Isto não pode continuar!

Tal como o abolicionismo, o movimento por reformas que eu represento não é contra ninguém. Não quer dividir a nação. Quer uni-la em torno da perspectiva de um amanhã melhor para todos.

Mas, ao contrário de Nabuco, eu tenho bem presente que o meu mandato veio do voto livre dos meus concidadãos. Da maioria delas, independente da sua condição social.

Mas veio também, e em grande número, dos excluídos; dos brasileiros mais humildes que pagavam a conta da inflação, sempre como se defendessem; dos que são humilhados nas filas dos hospitais e da previdência; dos que ganham pouco pelo muito que dão ao país nas fábricas, nos campos, nas lojas, nos escritórios, nas ruas e estradas, nos

nos canteiros de obras dos que clamam por justiça porque têm, sim, consciência e disposição para lutar; por seus direitos — a elas eu devo em grande parte a minha eleição.

Vou governar para todos. Mas se for preciso acabar com privilégios de poucos para fazer justiça à imensa maioria dos brasileiros, que ninguém duvide: eu estarei do lado da maioria. Com serenidade, como é do meu feito, mas com firmeza. Buscando sempre os caminhos do diálogo e do convencimento, mas sem fugir à responsabilidade de decidir. Sabendo que a maioria dos brasileiros não espera milagres, mas há de cobrar resultados a cada dia do governo. Mesmo porque os brasileiros voltaram a acreditar no Brasil e têm pressa para vê-lo cada vez melhor.

Também vemos com satisfação que aumenta o interesse de outros países pelo Brasil. Nossos esforços para consolidar a democracia, ajustar a economia e atacar os problemas sociais são acompanhados com expectativa muito positiva no exterior.

■ Continua na página 4

“É uma pobre ilusão achar que o mero consumo de quinquilharias vai nos fazer modernos”

Fernando Henrique Cardoso



“Vamos fazer da solidariedade o fermento de nossa cidadania em busca da igualdade”

Fernando Henrique Cardoso

■ Continuação da página 3

Todos percebem hoje por que a nossa transição foi mais lenta e por vezes mais difícil do que em outros países. É porque ela foi mais ampla e mais profunda. A um só tempo restauramos as liberdades democráticas e iniciamos a reforma da economia. Por isto mesmo, construímos base mais sólida para seguir adiante. Temos o apoio da sociedade para mudar. Ela sabe o que quer e para onde devemos ir.

Rapidamente, no ritmo veloz das comunicações e da abertura da economia brasileira, estamos deixando para trás atitudes xenófobas, que foram mais efeto do que causa do nosso relativo fechamento no passado. Nada disso implica renunciar a uma fração que seja da nossa soberania, nem descurar dos meios para garantí-la.

Vamos aposentar os velhos dilemas ideológicos e as velhas formas de confrontação, e enfrentar os temas que movem a cooperação e o conflito entre os países nos dias de hoje: direitos humanos e democracia; meio ambiente e desenvolvimento sustentável; as tarefas ampliadas do multilateralismo e os desafios da regionalização; a dinamização do comércio internacional e a superação das formas de protecionismo e unilateralismo. Outros temas centrais são o acesso à tecnologia, os esforços de não-proliferação e o combate às formas de criminalidade internacional.

Vamos valorizar ao máximo a condição universal da nossa presença, tanto política como econômica. Com a estrutura estratégica e com os compromissos internacionais do Brasil. Nesse sentido, atribuirei ao Estado Maior das Forças Armadas novos encargos, além dos já estabelecidos. E determinarei a apresentação de propostas, com base em estudos a serem realizados em conjunto com a Marinha, o Exército e a Aeronáutica, para se conduzir a adaptação gradual das nossas forças de defesa às demandas do futuro.

No mundo pós-Guerra Fria, a importância de países como o Brasil não depende somente de fatores militares e estratégicos, mas sobre tudo da estabilidade política interna, do nível geral de bem-estar, dos níveis vitais da economia — a capacidade de crescer e gerar empregos, a base tecnológica, a participação no comércio internacional — e também de propostas diplomáticas claras, objetivas e viáveis. Por isso mesmo, a realização de um projeto nacional consistente de desenvolvimento deve nos fortalecer crescentemente no cenário internacional.

O momento é favorável para que o Brasil busque uma participação mais ativa nesse contexto. Temos identidade e valores permanentes, que não continuam se expressando em nossa política externa. Continuidade significa confiabilidade no campo internacional. Mudanças bruscas, desligadas de uma visão de longo prazo, podem satisfazer interesses conjunturais, mas não conseguem o perfil de um Estado responsável. Não devemos, contudo, ter receio de inovar quando os nossos interesses e valores assim indicarem.

Numa fase de transformações radicais, marcada pela redefinição das regras de convivência política e

mantinham o país inteiro preso ao atraso econômico, social e político.

Também nós, horrorizados vendo compatriotas nossos — e

mantinham o país inteiro preso ao atraso econômico, social e político.

Também nós, horrorizados vendo compatriotas nossos — e

e ainda que não fossem brasileiros —

vendo seres humanos ao nosso lado,

subjugados pela fome, pela doença,

pela ignorância, pela violência. Isto

não pode continuar!

Tal como o abolicionismo, o movimento por reformas que eu

represento não é contra ninguém.

Não quer dividir a nação.

Quer uni-la em torno da perspectiva de

um amanhã melhor para todos.

Mas veio também, e em

grande número, dos

excluídos; dos brasileiros mais

humildes que pagavam a

conta da inflação, sem

ter como se defendessem;

dos que são hu-

milhados nas filas

dos hospitais e da

previdência; dos que

ganham pouco pelo

muito que dão ao

país nas fábricas, nos

campos, nas lojas,

nos escritórios, nas

ruas e estradas, nos

hospitais, nas escolas,

nos canteiros de obras

que claramente

querem a justiça

porque têm, sim,

consciência e dispo-

nção para lutar.

Minha missão, a partir de hoje, é

fazer com que essas prioridades do

povo sejam também as prioridades

do governo. Quero

comunicação nos ajudem nessa ta-

refa. Ao lado da informação e do

divertimento, vamos engajar nossas

TVs numa verdadeira cruzada na-

cional pelo resgate da cidadania

através do ensino, começando por

uma intensa ação de alfabetização e

formação cultural.

Minha missão, a partir de hoje, é

fazer com que essas prioridades do

povo sejam também as prioridades

do governo. Quero

prestigiá-los e dar-lhes condições

para que sejam construtores da ci-

dade. Pois a cidadania, além de

ser um direito do indivíduo, é tam-

bém o orgulho de fazer parte de um

país que tem valores e um estilo

próprios.

As prioridades que propus ao

eleitor, e que a maioria aprovou,

são aquelas que repercutem direta-

mente na qualidade de vida das

pessoas: emprego, saúde, seguran-

ça, educação, produção de alimen-

tos. A geração de empregos virá

com a retomada do crescimento,

mas não automaticamente. O go-

verno estará empenhado em pro-

grammas e ações específicas nesse

sentido. E se jogará por inteiro no

grande desafio — que é o Brasil é

não apenas desta ou daquela re-

gião, que é de todos e não apenas

de excluídos — de diminuir as des-

igualdades até acabar com elas.

Acessos aos hospitais, respeito

ao direito à vida, eliminação das

desigualdades entre os

brasileiros puderem ser mais informados; quando puderem ser mais críticos das políticas

postas em prática do que do soleiro

de atuação dos fatos diversos da vida cotidiana; quando puderem por mais em perspectiva os acontecimentos e cobrar mais a coerência da ação do

que fazer julgamentos de intenção,

mais capacitados vão estar para o

exercício da cidadania.

O sentimento que move esse

apoio de todos ao país tem um

nome: solidariedade. É ela que nos

faz sair do círculo pequeno dos